

II Congresso Nacional e I Internacional de Supervisão: Políticas e Práticas
Universidade de Aveiro, 5-6 novembro 2020

Formação pós-graduada em supervisão pedagógica: *que investigação para que educação?*

Flávia Vieira,
Universidade do Minho. Instituto de Educação
flaviav@ie.uminho.pt

Quando os professores não investigam a pedagogia, alguém o faz à sua margem ou à sua custa. O conhecimento assim produzido, por muito legítimo e relevante que possa parecer aos olhos de quem o produz, e apesar de ser amplamente divulgado, dificilmente terá impacto nas práticas educativas. E quando os os professores se aventuram na investigação da pedagogia? O que acontece? Em que medida constitui essa investigação uma oportunidade de compreensão e transformação da educação nas escolas? (Vieira, 2014: 7)

Muitas questões absolutamente irrelevantes podem ser tratadas com rigor metodológico. (Alves, 2003:76)

Será ainda possível, ou até aconselhável, perguntar por que razão tanta investigação contribui tão pouco para o questionamento democrático dos poderosos? Será que a investigação se tornou apenas um instrumento para os poderosos, os complacentes, os satisfeitos? (Schostak & Schostak, 2008: 1, trad.)

Todo pensamento sai do nosso ventre, como o fio da teia. Cada teoria é um acessório da biografia, cada ciência, um braço do interesse. (Alves, 2003:35)

O potencial transformador da investigação depende *do que* se investiga e *do modo como* se investiga, o que depende do posicionamento ideológico de *quem* investiga.

E de *quem* supervisona a investigação.

Educação e Investigação Educacional: A questão ideológica: em que acreditamos?

Reprodução - - - - - Transformação

Aceitação do estabelecido

Acção instrumental

Hierarquia

Assimetria discursiva

Passividade

espaço

re(ide)alista

do possível

Indagação crítica

Intervenção crítica

Democraticidade

Dialogicidade

Participação

Abordar “o que está errado” é o coração radical da prática educativa e das metodologias de investigação. (...) É um retorno ao princípio: que tipo de comunidade se deseja? (Schostak & Schostak, 2008: 250)

Ponto de partida 1:

Para uma supervisão *verdadeiramente pedagógica*...

- Visão democrática e orientação transformadora da supervisão e da educação
- Compreensão da/ imersão na complexidade da experiência educativa
- Postura crítica face aos contextos e exploração de possibilidades de mudança (entre o real e o ideal)
- Esperança pedagógica: *ter esperança é acreditar na possibilidade* (Van Manen, 1990)

Ponto de partida 2:

Para uma investigação *verdadeiramente pedagógica*...

O potencial transformador da investigação realizada pelos professores depende da sua aproximação à experiência educativa, da sua inscrição em valores democráticos e da criação de condições de ressonância do conhecimento produzido. Só assim poderemos vislumbrar caminhos para uma investigação que seja *verdadeiramente pedagógica*: uma investigação que, fundamentalmente, nos ensine alguma coisa de valioso sobre a possibilidade de construir uma educação mais democrática. (Vieira, 2014: 8)

Para uma investigação *verdadeiramente pedagógica*...

- ***Propósito e natureza dos processos pedagógicos/ investigativos:*** em que medida e de que forma se problematiza pedagogia e a investigação no sentido de equacionar e construir uma educação de orientação democrática?
- ***Voz do professor investigador nos processos pedagógicos e investigativos:*** em que medida e de que forma a investigação se aproxima da experiência educativa e implica o professor investigador na construção de conhecimento relevante a uma educação de orientação democrática?
- ***Voz dos participantes nos processos pedagógicos e investigativos:*** em que medida e de que forma a investigação implica os participantes (alunos, professores e outros) na construção de conhecimento relevante a uma educação de orientação democrática?
- ***Significado e impacto dos processos pedagógicos e investigativos:*** em que medida e de que forma se produzem novas compreensões e práticas, se desocultam condições que favorecem ou dificultam uma educação democrática e se relata a investigação através de linguagens próximas da experiência educativa? (Vieira, 2014: 226)

Pedagogia da investigação

- Que relação existe entre IE, visão de educação e experiência educativa?
- Quais os propósitos educativos e sociais da educação e da IE?
- Como pode a IE estar ao serviço da transformação da educação?
- O que é um projeto de IE e o que implica a sua construção?
- O que significa ser educador-investigador?

Mestrado em Ciências da Educação: Supervisão Pedagógica na Educação em Línguas (UMinho)

EDUCAÇÃO EM LÍNGUAS E SUPERVISÃO PEDAGÓGICA

METODOLOGIA DO ENSINO DE LÍNGUAS

METODOLOGIA INVESTIGAÇÃO EM EDUCAÇÃO

INVESTIGAÇÃO EM SUPERVISÃO PEDAGÓGICA NA EDUCAÇÃO EM LÍNGUAS

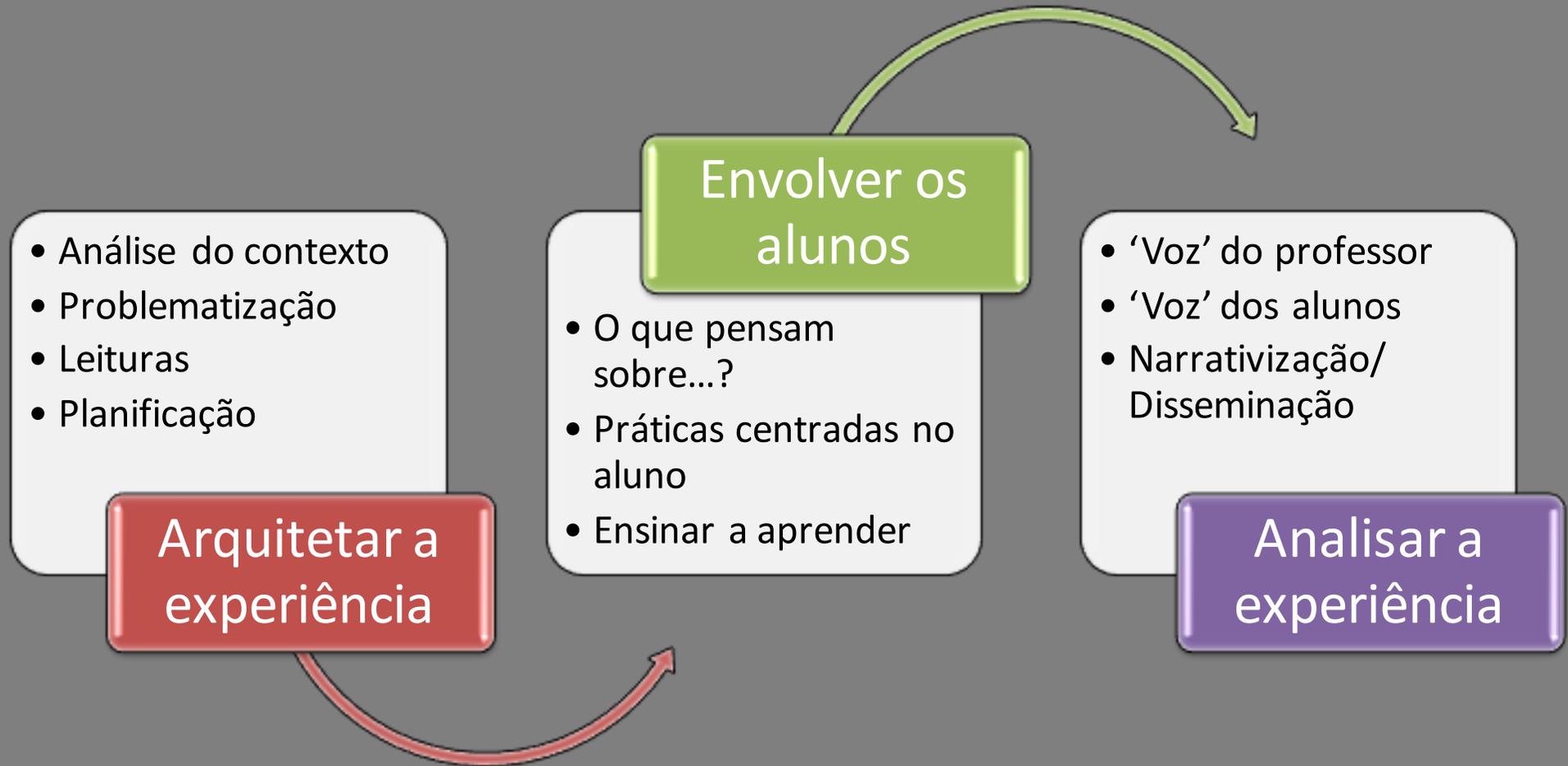
DISSERTAÇÃO

ANÁLISE E CONSTRUÇÃO DE CASOS: EXPERIÊNCIAS DE AUTO/COSSUPERVISÃO DE UMA PEDAGOGIA PARA A AUTONOMIA, ATRAVÉS DA I-A E NARRATIVAS PROFISSIONAS

VISÕES DE EDUCAÇÃO E PARADIGMAS DE INVESTIGAÇÃO / O PROFESSOR-INVESTIGADOR/ CONSTRUÇÃO DO PROJETO DE DISSERTAÇÃO

INVESTIGAÇÃO ORIENTADA PARA A COMPREENSÃO/ TRANSFORMAÇÃO DE PROCESSOS EDUCATIVOS/ FORMATIVOS, NO QUADRO DE VALORES DEMOCRÁTICOS

Construção de casos: A I-A como estratégia de superVisão



SuperVisão rumo a uma educação mais democrática

Construção do projeto: 'um ensaio situado entre a cegueira e a lucidez'...

testemunhos

Testemunhos de mestrandas, retirados de: Vieira, F. (2010). Para uma pedagogia da investigação ao serviço de uma educação transformadora. In F. Vieira, M.A. Moreira, I. Barbosa, I., M. Paiva & I.S. Fernandes (autoras). *No caleidoscópio da supervisão: imagens da formação e da pedagogia*. Mangualde: Edições Pedago, pp. 199-229.
/ Vieira, F. (2014). *Quando os professores investigam a pedagogia em busca de uma educação mais democrática*. Ramada: Pedago.

(Não) há receitas?

Ponha ao lume em banho-maria a professora-investigadora e o problema ou dilema, durante aproximadamente 1 mês.

Entretanto, descasque as referências teóricas e parta-as aos bocadinhos. Junte-lhe a reflexividade e a autonomia e coza em lume brando, durante 3 meses, até ficarem sólidas.

Bata em castelo a vontade e a persistência e deixe repousar. Junte a este preparado as referências teóricas, a reflexividade e a autonomia, de maneira a formar uma massa coesa e homogénea.

Em seguida, dissolva o trabalho. Adicione o tempo e meios q.b. e leve ao forno a gratinar, numa forma triangular, durante 6 meses.

Sirva o preparado frio, acompanhado da professora-investigadora e do problema.

Polvilhe com muita motivação e solidão.

Sugestão:

A confeção desta receita deve ser sempre supervisionada por uma professora-orientadora, que estará sempre atenta à qualidade dos ingredientes e à boa execução das operações.

Durante o percurso...sentimentos e emoções

Construir um projeto é um sonho e um pesadelo. Será que irei encontrar um pote de ouro no fim do arco-íris? Ou será esta uma caminhada em vão pela busca do Santo Graal?

São só riscos e rabiscos sobrepostos. O desenho ainda não tem leitura.

Um bom artista não se deixará enganar por tamanho emaranhado de linhas... desejará saber quais os contornos, as cores, as formas, as percepções que dali poderão advir... Reina a confusão.

Há tão pouco tempo para ler e para investigar que me sinto no meio de uma ponte, difícil de transpor, parada a meio, decidindo para que lado atravessar. Será que esta ponte une as margens? Talvez... Para onde vai este caminho? Não sei...

É assim que eu vejo o papel do professor enquanto investigador: deve enfrentar os medos, arriscar a subversão, não ficar pelas evidências... libertar-se do casulo e voar com a naturalidade da borboleta. Este processo não é fácil, porque implica reflexões, correr riscos, fazer escolhas, aceitar mudanças, e porque acima de tudo a dúvida permanece, no sentido de que desconhecemos se determinadas opções serão as mais acertadas e se irão contribuir para a nossa transformação pessoal.

Posicionamentos...*como olho para o meu projeto de investigação?*

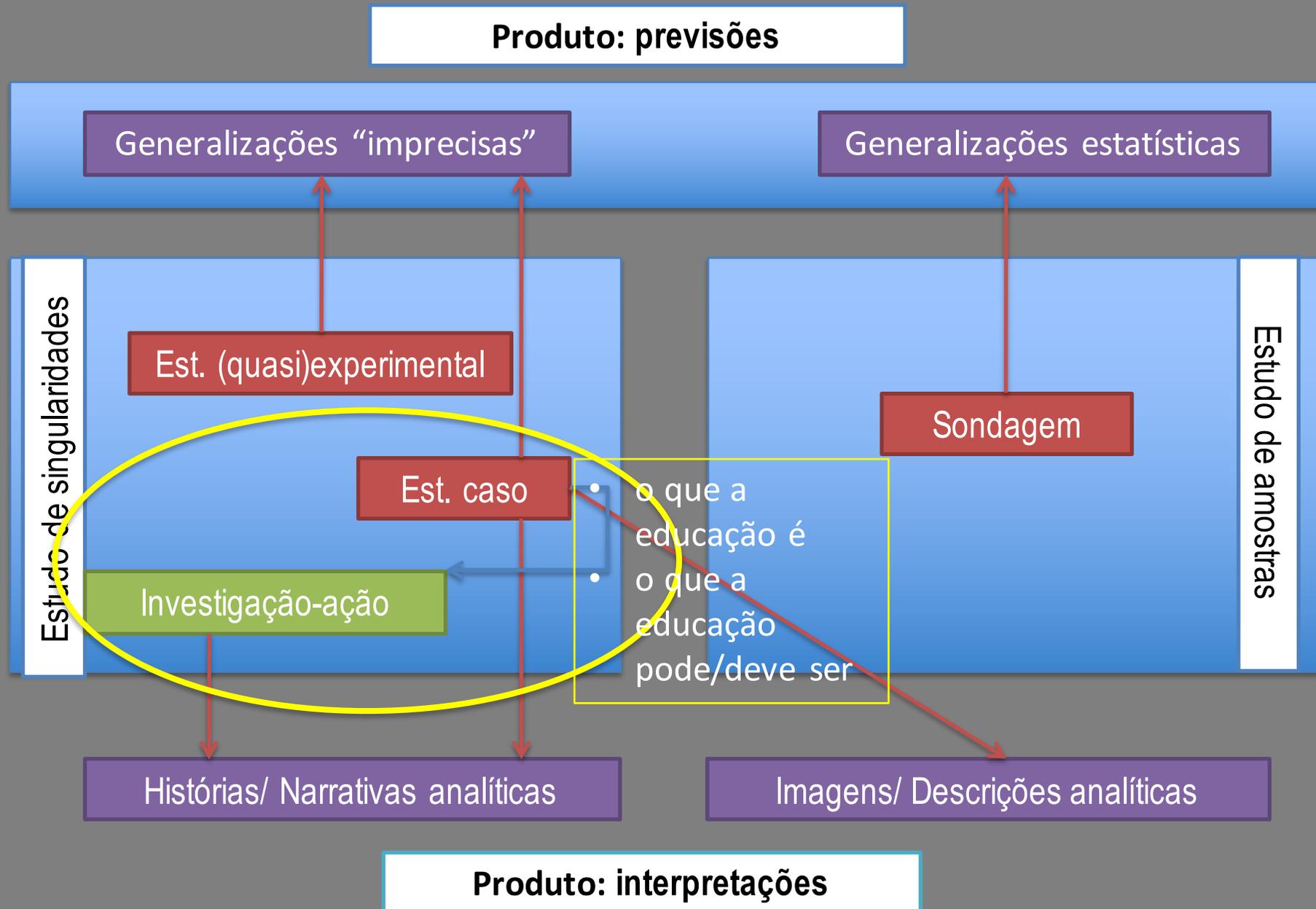
(à luz de um texto de Schostak & Schostak, 2008, sobre 'Radical research')

Depois de ler a introdução do texto *Radical Research* sinto, ainda com mais confiança, que estou no caminho certo, pois o meu projeto advoga uma visão democrática de educação onde a autenticidade dos sujeitos está ao serviço da melhoria das práticas pedagógicas. Defendo uma pedagogia centrada na transformação conjunta dos sujeitos e pretendo pertencer àqueles que *want to organise the world around to fit in with their desires* (p. 1) e não àqueles que *want to be organised, and those who want to be left alone* (p.1). De facto, quer o aluno quer o professor se encontram no cerne das questões educativas e devem ter noção que a sua “presença no mundo não é a de quem se adapta mas a de quem nele se insere. É a posição de quem luta para não ser apenas objeto, mas sujeito também da história” (Freire, 1996: 31). “Pacientemente impacientes diante do mundo” que não fizeram, devem acrescentar algo que fizeram (op. cit.: 18).

Aprendendo a lidar com a ambiguidade e a incerteza...

Falar ou escrever sobre o meu projeto de investigação continua a despoletar sentimentos de alguma ambiguidade e incerteza, de oscilação entre a euforia e o desânimo, apesar de, neste momento, ele já ter uma espinha dorsal. Esta ambiguidade é, todavia, vivida de um modo completamente diferente, fruto das aprendizagens que a formação foi cimentando. As incertezas e dúvidas deixaram de ser uma espécie de fantasma que nos assola no nosso exílio profissional para serem encaradas como lugares comuns num percurso que, afinal, se faz e refaz de intempéries e turbulência. O medo de falhar era muitas vezes o limite para o sonho de tentar fazer de forma diferente, mais ousada. Este percurso de formação abriu portas ao medo: “pensar certo [afinal] é não estarmos certos das nossas certezas” (Freire, 1997: 14).

Investigação Educacional Empírica (Bassey, 1999)



INVESTIGANDO A PEDAGOGIA: QUATRO ESTUDOS

Autodireção na aprendizagem | CARLA MENEZES

A negociação pedagógica na aprendizagem autodirigida | DANIELA SILVA

Negociação e autodireção numa pedagogia re(ide)alista | ANA CRISTINA TEIXEIRA

De professor a investigador: a metamorfose | ANA ISABEL NEVES

A ideia da metamorfose do professor em investigador, tal como a metamorfose da borboleta, indicia uma transformação no sentido positivo, de libertação e emancipação, ao invés da metamorfose Kafkiana que sugere aprisionamento, involução, anulação e desintegração. Partiu-se do princípio de que a investigação pode constituir um instrumento de libertação, mas admitiu-se a possibilidade dessa libertação ser um fenómeno complexo, no qual podemos encontrar dilemas e constrangimentos que importava desocultar. (Neves, 2014: 185)



**UM PERCURSO POR VEZES
SINUOSO E INCERTO, MAS
IMBUÍDO DA ESPERANÇA
DE DESCOBERTA DE NOVAS
PAISAGENS NA EDUCAÇÃO**

Precisamos de vistas largas, de um pensamento que não se feche nem nas fronteiras do imediato, nem na ilusão de um futuro mais-que-perfeito. (Nóvoa, 2011: 40)